

Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

Diplomski rad

A INFLUÊNCIA ÁRABE NA LÍNGUA E NA CULTURA PORTUGUESAS

ARAPSKI UTJECAJ U PORTUGALSKOM JEZIKU I KULTURI

Student: Ivana Valjalo

Mentor: mr. sc. Želimir Brala

Zagreb, prosinac 2015.

Índice

Introdução	1
Mouro, árabe ou muçulmano?	2
Posição geográfica de Portugal	2
Invasões na península Ibérica.....	3
Al-Andalus	5
Inter-relações religiosas	6
História sobre o Ezerag.....	7
Reconquista	8
Influência na cultura, comércio e ciência	9
Navegação	10
Ciência	11
Agricultura	11
Culinária.....	12
Educação	13
Música	14
Arte e arquitetura.....	15
Artesanatos	18
Azulejo	18
Filigrana	19
Papel	20
Comércio	20
Mudança linguística.....	21
Influência árabe na língua portuguesa.....	21
Romance moçarábico	23
Campos lexicais	26
Situação hoje	36
Conclusão	36
Bibliografia.....	37

Introdução

A civilização árabe surgiu no Oriente Médio, na península situada entre a Ásia e a África. É área de aproximadamente um milhão de quilómetros quadrados, e centenas são cobertos por um grande deserto. Até o século VI viviam em tribos e não existia um estado centralizado. No interior da península as tribos nômades de beduínos viviam do pastoreio e do comércio. Frequentemente atacavam as caravanas que levavam mercadorias do Oriente para o Mar mediterrâneo. Existiam algumas cidades, das quais Meca foi mais destacada, como o centro religioso.

Maomé, em sentido religioso o mais recente e último profeta do Deus de Abraão, e em sentido político a pessoa que uniu as tribos árabes, nasceu por volta de 570, na tribo dos coraixitas. Viajou muito e conheceu o cristianismo e judaísmo, que não rejeitou, mas considerou-lhes corrompidos e, depois da visita do anjo Gabriel numa caverna, divulgou os novos ensinamentos. A palavra deus, em árabe, se diz Alá e ele começou a pregar o islamismo, a submissão total a Alá, sem outros ídolos. Os crentes na nova religião eram chamados muçulmanos ou maometanos. Com os ensinamentos de Maomé muitas coisas mudaram-se, como a proibição de consumir carne de porco, de praticar jogos de azar e de reproduzir a figura humana, além da defesa da autoridade do pai na família e da permissão da poligamia masculina. Os habitantes de Meca, não gostaram disso e pensaram que iam perder o comércio as caravanas de fiéis e passaram a perseguir Maomé, que foi obrigado, a fugir para a cidade de Latribe, que passou a chamar-se Medina, que significa a *cidade do profeta*. Essa fuga, que ocorreu em 622, é chamada de heresia e é o início do calendário muçulmano, tendo o mesmo significado que o nascimento de Cristo tem para os cristãos. Maomé começou a Guerra Santa, expandindo o islamismo e unindo as tribos árabes.

Após a morte, Maomé foi substituído pelos califas, que eram chefes religiosos e políticos. Começou a expansão da civilização muçulmana, motivada principalmente pela necessidade de terras férteis. Dominaram toda a península Arábica e expandiram-se para leste, alcançando a Índia e para oeste, em direção do Mar Mediterrâneo, conquistando o norte da África e a península Ibérica.

Mouro, árabe ou muçulmano?

Agora segue uma breve análise das palavras que se encontram no texto e que são frequentemente erroneamente utilizadas no mesmo sentido. Falando dos povos que ocuparam a península Ibérica no século VIII é importante esclarecer os quais nomes são usados para descrever esses povos e qual é a diferença entre eles.

Os mouros, mauritanos, mauros ou sarracenos são considerados os povos oriundos do Norte da África, praticantes do Islamismo, nomeadamente dos Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental, invasores da região da Península Ibérica, Sicília, Malta e parte de França durante a Idade Média. Estes povos pertencem fundamentalmente aos grupos étnicos berberes e árabes, que vivem na África setentrional.

Os muçulmanos são os indivíduos que aderem ao Islamismo, uma religião monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Maomé.

Os árabes são os integrantes de um povo heterogéneo que habita principalmente o Oriente Médio e a África setentrional, originário da península Arábica. Existem três fatores que podem ajudar na determinação se um indivíduo é árabe ou não. Primeiro é político; se ele vive num país do mundo árabe. Essa definição cobre mais de trezentos milhões de pessoas. Segundo fator é linguístico; se sua língua materna é o árabe. Essa definição cobre mais de duzentos milhões de pessoas. O último é genealógico; é possível traçar sua ascendência até os habitantes originais da península Arábica.

Sabendo que esta tese é baseada apenas nesses povos árabes e muçulmanos que invadiram o território de Portugal atual, na maioria dos casos as palavras *árabe*, *muçulmano* e *mouro* serão usadas no mesmo e estrito sentido.

Posição geográfica de Portugal

A península Ibérica está situada no sudoeste da Europa e está formada pelos territórios de Gibraltar (Reino Unido), Espanha, Portugal, Andorra e França. Portugal, oficialmente República Portuguesa, é um país no sudoeste da Europa, na zona ocidental da península Ibérica com as duas regiões autónomas: os arquipélagos dos Açores e da Madeira. O território português tem uma área total de 92 090 km², delimitado a norte e leste por Espanha, e a sul e

oeste pelo oceano Atlântico. Por causa da sua posição o território português sempre favorecia o encontro de processos novos porque é o ponto de encontro do Atlântico, Mediterrâneo cristão e Mediterrâneo muçulmano. Portugal é frequentemente chamado *A periferia da Europa, A porta de entrada da Europa* ou *Finisterra da Europa*, como um país que liga dois mares - o Mediterrâneo, o centro do Velho Mundo e o Atlântico, as portas do Novo Mundo.

Invasões na península Ibérica

Segundo Saraiva (1993, 21), o povo português é o resultado de um milenário processo de miscigenação de sangue e de sucessivas sobreposições culturais. O último componente populacional significativo na história da Península Ibérica foi o povo islâmico. Segue um breve resumo dos todos povos invasores nesse território com as características principais dos seus governos.

Falando sobre a pré-história, existem vários vestígios da cultura megalítica no território português: os dólmens ou antas, ainda hoje numerosas, e alguns raros menires e cromeleques. A sua origem frequentemente está relacionada com a Ásia Menor, apesar de não haver as provas concretas. O que se sabe é que nesse tempo no Próximo Oriente já existiam cidades e essas primeiras civilizações percorreram o Mediterrâneo para resgatar minérios na Península Ibérica, uma região excepcionalmente rica a esse respeito. Nos vales do Tejo e do Sado foram encontradas as primeiras provas da vida sedentária no território de Portugal - os restos de alimentos, formados por conchas de mariscos. A diferenciação das culturas pré-históricas permite, geralmente, distinguir como áreas separadas o Norte e o Sul do País, a zona interior e a zona litoral. Essa divisão será mais visível e mais importante como o tempo passa.

A partir dos princípios do primeiro milénio antes de Cristo começaram a chegar os Celtas da Europa central. A vantagem grande desse povo foi que sabiam trabalhar o ferro. Faziam-se com ferro as coisas preciosas, alfaías e instrumentos diferentes. Eram também bons ourives. Os Celtas lutaram com as populações indígenas, mas afinal fundiram-se com elas numa convivência pacífica.

Em 219 a.C. deu-se o primeiro desembarque de tropas romanas na Península Ibérica. Entraram por exigências estratégicas da segunda guerra entre Roma e Cartago. Em breve os

romanos dominaram quase o território completo. As populações nativas foram força de trabalho para os novos conquistadores. Trouxeram as novas agriculturas, novo tipo de telhas e introduziram os impostos. Desenvolveram-se a indústria e o comércio. A influência romana fez-se sentir também na religião e nas manifestações artísticas. Tratou-se de uma influência profunda, sobretudo a sul, zona primeiramente conquistada. Também foram erguidos os pontes, teatros, termas, templos, aquedutos e todos os tipos de edifícios públicos e privados, civis e militares. A população falava latim, imposto como língua oficial, e vivia à romana. Alguns cidades foram livres, significando que conservavam as leis e certa independência. As diferenças entre o Norte e o Sul tornaram-se maiores e mais visíveis.

Em 411 entraram alanos, vândalos e suevos, que foram violentamente arrancados das suas terras pela invasão dos hunos e vagaram pela Europa à procura de novas terras. O Reino Suevo foi estabelecido na Galiza, com capital em Braga. Dominaram rapidamente na Península por causa da depressão económica no Império Romano. Em 416 chegaram os visigodos que dominaram nesse território por 3 séculos, mas a sua colonização não foi efetiva. A fusão entre nações foi difícil e os casamentos foram proibidos. Quando os árabes chegaram, os visigodos fugiram sem combater e as cidades entregaram-se sem luta. As resistências armadas foram raras.

Em 711 um exército formado principalmente por soldados berberes atravessou o estrito de Gibraltar e iniciou a conquista da Península. Em 612 o Maomé iniciou a sua pregação a Arábia e os cem anos tinham sido o tempo bastante para que os árabes tivessem conseguido estender a religião e o domínio político num imenso espaço desde o oceano Índico ao Atlântico. Saraiva (1993,34) explica essa rapidez com os fatores seguintes: a fraqueza dos impérios vizinhos, Império Persa e Império Bizantino, as ferozes lutas religiosas no Próximo Oriente dos judeus e dos cristãos e a situação das populações oprimidas das áreas conquistadas que perceberam os árabes como os libertadores. A maioria dos colonizadores da Península no século VIII foram os berberes, conjunto de povos do Norte da África, os muçulmanos sedentarizados e civilizados que chegaram no território português onde viviam os tribos primitivos. Hoje não se pode determinar o número exato de anos ou séculos de duração do domínio muçulmano na Península, porque essa duração variou muito de região para região. A sua presença atinge perto de oito séculos. Eles colonizavam só as certas áreas, dependendo do clima, das condições do solo, do povoamento pré-existente, das diferenciações étnicas ou tribais, das questões de conjuntura e dos outros fatores. O contraste entre o Norte e o Sul tornou-se mais acentuado. Os árabes nunca alcançaram as terras mais setentrionais que

foram sob o domínio cristão. A influência sobre as populações peninsulares não foi igual nas todas áreas. No território português atual a influência foi mínima para o norte do Douro e nas regiões montanhosas no interior do país. Sentiu-se mais na Estremadura e Beira Litoral, e o máximo nas províncias do Sul, sobretudo na Algarve. Habitavam todo o sul e centro de Portugal atual, até à região do Mondego ou porventura do Douro, e no norte existiam só os estabelecimentos ocasionais. Pode-se concluir que a presença do colono muçulmano nunca foi homogênea. A norte do Douro a autoridade muçulmana desapareceu nos fins do século VII, depois de cinquenta anos de domínio irrequieto e incompleto.

Hoje o Norte está mais densamente povoado mas não há nenhuma prova que assim foi no período romano e nos primeiros tempos do período muçulmano, pelo contrário, é considerado que o Sul foi mais povoado. Essa situação pode ser explicada pelo próspero comércio e artesanato que caracterizavam todo o sul da Península. E o Norte e o Sul foram as partes agrárias, mas o comércio e a navegação foram mais importantes no Sul. Foram os sistemas diferentes nesse tempo, mas complementares de economia e atividade quotidiana.

A rede vial romana existente no século IV expandiu-se com a chegada dos árabes. Repararam e alargaram-na. Todas as cidades com significado político e económico em tempos visigodos e muçulmanos localizavam-se ao longo das estradas romanas: as capitais de província, sedes de kura (distritos, coincidindo com os antigos conventus ou com as dioceses religiosas), conventus e unidades judiciais, todas as cidades episcopais e até núcleos urbanos e centros rurais menores. Durante o período islâmico a rede vial melhorou ligeiramente, sobretudo no Sul, onde se construíram algumas novas estradas. Existem poucas diferenças entre os itinerários romanos e muçulmanos mas essencialmente nada se modificou.

A estrada ou eixo sul-norte já existia com a grande circulação de pessoas e mercadorias. Estabeleceram o novo eixo vertical, oriente-ocidente, que foi importante para o Sul e que criou e consolidou a nação portuguesa.

Al-Andalus

Al-Andalus ou al-Ândalus foi o nome dado à península Ibérica pelos conquistadores islâmicos no século VIII. Esse nome foi utilizado para a toda península, não só para o território politicamente controlado pelas forças islâmicas. De início o al-Andalus foi um emirado, e depois um califado. Emirado é o território administrado por um emir, uma pessoa com o título

de nobreza equivalente ao príncipe. O Emirado de Córdoba existiu na Península Ibérica entre 756 e 929 e foi independente. Sua capital era Córdoba (Córdoba). O califado é a forma islâmica monárquica de governo. Representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. O Califado de Córdoba (929 – 1031) sucedeu ao Emirado e foi a forma de governo islâmico que dominou a maior parte da Península Ibérica e do Norte da África com capital em Córdoba.

O Gharb al-Ândalus era a parte mais ocidental do al-Ândalus, que corresponde a parte do atual território português e aproximadamente aos limites da antiga Lusitânia. Pelo século IX foi uma região florescente e vasta, compreendendo várias cidades grandes. Destacavam-se as cidades de Coimbra, Lisboa, Santarém, Silves, Mértola, Faro, Mérida e Badajoz. O Gharb começou a perder território quando a Reconquista começou, na qual os reis cristãos do Norte, nomeadamente D. Afonso Henriques, começaram a conquistar o território para Sul. A região do Sul sempre teve uma relação íntima com o resto da Península por razões de ordem geográfica e económica. Não existia o isolacionismo e só com dificuldade se elevavam os localismos a características gerais da coesão e autonomia. Sudoeste da Península desempenhou o seu papel na história da Espanha muçulmana. Começaram as rebeliões locais com a origem das unidades políticas esporádicas. Al Garb al-Ândalus, significando o ocidente de Andaluz, originalmente foi o nome muçulmano para todo o território para ocidente e noroeste do Guadiana, correspondendo aproximadamente à Lusitânia romana e visigoda. O território foi reduzido para sul do Mondego e assim al-Garb perdeu em significado, incluindo só a faixa de território da província do Algarve hoje.

A fronteira portuguesa atual, segundo Marques (1974, 30), como tal existe desde o século XIII. Não é produto da Reconquista sobre os muçulmanos mas as suas origens e características permanentes podem procurar-se e ser explicadas principalmente pelos sistemas administrativas dos romanos e dos muçulmanos. A conquista árabe respeitou e manteve todas as unidades administrativas que já existiam na Península, mas também e na Síria, Egito e Pérsia. O que mudou foram as denominações. Por todo o Islão estabeleceram-se emirados e cada correspondeu a uma província ou grupo de províncias.

Inter-relações religiosas

Apesar da resistência cristã à sua presença, a verdade é que os governantes muçulmanos se mostraram de uma grande tolerância aos diversos povos presentes na Península. Há relatos de

que templos eram utilizados ao mesmo tempo para cultos tanto de cristãos como de muçulmanos, sendo que a sexta-feira era o dia dedicado aos seguidores do Islão, e no domingo ocorria a missa cristã. Os judeus também recebiam um tratamento condigno, e não há relatos de graves confrontos em torno de diferenças étnicas e religiosas durante a presença muçulmana.

Contudo, a adesão religiosa existia, mas muitas vezes não era forçosamente sincera, muitos fingiram ser convertidos e ficavam cristãos por dentro. A conversão não era obrigatória, também a mesquita e a igreja ficavam abertas. Os ex-cristãos perceberam que a diferença entre os adeptos do Evangelho e os do Corão não era tão grande como eles tinham pensado.

História sobre o Ezerag

A situação e as condições da vida das populações que já viviam na Península quando os invasores entraram sempre dependiam da sua atitude em relação à nova fé. Existiam as três soluções: aceitar a nova religião e fazer parte da comunidade com direitos e deveres iguais, continuar fiel ao cristianismo com possibilidade de manter propriedades e pagar tributos ou resistir de armas na mão e assim morrer ou tornar-se um escravo. Num manuscrito do Mosteiro de Lorvão (o Livro dos Testamentos, cópia feita no século XII de documentos de época anterior) é contada uma história sobre o Ezerag, o cristão de Condeixa, que pode confirmar acima mencionado. Em 987 os Mouros reconquistaram Coimbra, cristãos fugiram, mas o Ezerag converteu-se ao islamismo. Um dia dirigiu-se para os montes e gritou que tinha estabelecido a paz com os mouros. Os cristãos acreditaram e saíram quando o Ezerag e os mouros atacaram. Venceram na batalha, levaram a gente para Santarém e venderam-nos como escravos. O Ezerag mandou o dinheiro da venda para a Sevilha e foi premiado. O governador Almançor deu-lhe as azenhas, cuja propriedade os descendentes estavam a discutir com o Mosteiro de Lorvão, e muitas vilas na região de Coimbra. Neste exemplo é evidente que o Ezerag abraçou a primeira solução: ele aceitou a nova fé, manteve tudo e enriqueceu-se em troca de serviços prestados. Os cristãos derrotados esperavam a segunda solução, aguardaram que o representante negociasse a paz e ajustasse um tributo com os mouros, e depois planeavam voltar às terras e continuar viver ali pagando o tributo, mas o que passou é a terceira, para eles a pior solução, perderam a luta e estavam vendidos como escravos.

Reconquista

As Astúrias é uma região montanhosa em Portugal que os muçulmanos não ocuparam. As lendas dizem que os nobres visigodos fugiram ali depois da invasão árabe e que o Pelaio, um deles, iniciou um movimento para *reconquistar* o território perdido.

A Reconquista ou Conquista cristã foi um movimento ibérico cristão com início no século VIII com o objetivo retornar sob o domínio cristão as terras perdidas para os invasores árabes durante a invasão muçulmana da península Ibérica. A Reconquista não começou de um reduto indómito no Norte mas de uma rebelião fortalecida por várias migrações de nobres e de soldados para o norte. Começou no território nas Astúrias e espalhou-se para a região do Douro. No mesmo tempo aconteceu a guerra civil, quando os soldados berberes se revoltaram contra os árabes. Essa revolta deixou desarmado bom número de cidades e de castelos. A população hispano-gótica e os asturianos lutaram juntos contra os mouros. Na Galiza a guerra foi renhida, mas o rei Afonso ganhou algumas lutas significativas. Os muçulmanos responderam com várias campanhas devastadoras e maior parte da Galiza tornou-se numa zona desorganizada, empobrecida, escassamente povoada com fronteiras pouco seguras, as cidades desertas e queimadas com todos os bispos em fuga. Pelos meados do século IX as condições melhoraram com a reorganização e repovoamento generalizados. Portucale no Sul e Chaves no Norte tornaram-se importantes centros administrativos com condes nomeados pelo rei que dirigiram as tarefas do povoamento. Contudo, o optimismo cristão foi prematuro. Os muçulmanos voltaram com as novas destruições e nova desorganização, ataques esporádicos e correias. O rei Ordonho III atacou Lisboa em 955, mas no fim do século X o governador árabe al-Mansur voltou a colocar a fronteira permanente no Douro, embora tivesse devastado toda a Galiza com ataques vitoriosos. Os cristãos precisaram setenta anos mais para tornar ao Mondego. Em ano 1057 a cidade de Lamego foi reconquistada, em 1058 Viseu e em 1064 Coimbra. No ano 1070 bispo de Braga voltou para a cidade, em 1080 voltou um de Coimbra e depois de Lamego, Portucale e Viseu.

Durante o movimento da Reconquista, os árabes começaram a ser exterminados, ou escravizados. No entanto, alguns foram protegidos pelos reis portugueses. Um exemplo é a carta de foral que em 1170 o rei D. Afonso Henriques deu às populações mouriscas de Lisboa, Almada, Alcácer e Palmela, que se lhe submeteram. Quando eram muitos, como em Lisboa, Setúbal, Loulé, Silves, Beja, etc., viviam em comunas ou comuns governados por um alcaide. Em cada cidade reconquistada a regra geral obrigava a população muçulmana viver no subúrbios, fora das muralhas. Isso foi uma medida de segurança e a proteção contra os novos

ataques. Esses bairros chamavam-se mourarias. Este nome ainda hoje permanece num dos pitorescos bairros de Lisboa. Na zona lisboeta toda uma toponímia e toda uma tradição de persistência islâmica se aguentou e sobreviveu até hoje. Na Baixa Estremadura nos pomares, vinhas e olivais férteis trabalhavam as famílias mouras. Como os judeus, os muçulmanos também usavam vestuário e sinais específicos. Nestes bairros não podiam comunicar com os cristãos entre o pôr e o nascer do sol e a partir do século XIV foram sujeitos a penas graves se contrariassem esta lei. Estas normas foram mantidas durante séculos. Ao contrário dos Judeus, a ocupação principal dos mouros era a agricultura. Havia também os sapateiros, ferreiros, oleiros. Pagavam à Coroa duros impostos: de capitação, pago desde o nascimento, dízimo dos produtos colhidos em terra que explorassem, imposto sobre o gado, mel e cera, sobre todos os bens que usassem ou possuíssem, sobre o trabalho, sobre compra e venda, etc.

Influência na cultura, comércio e ciência

Os árabes entraram na Península Ibérica em 711 e ficaram até 1249 em Portugal e 1492 na Espanha. A sua influência foi grande em várias áreas e algumas ainda hoje são estudadas. É preciso destacar alguns aspetos: as marcas são maiores no sul mediterrânico, onde permaneceram mais tempo, durante séculos eles foram considerados invasores e por isso a sua cultura foi desvalorizada e até destruída. Hoje, depois de muitos estudos, há muitas escavações e por isso sabe-se que o legado islâmico no território que hoje é Portugal, embora menor que na Espanha, é imenso.

A influência cultural dos árabes é visível principalmente na formação da população moçárabe, na permanência da população mudéjar e nos contatos com os grandes centros da cultura árabe. O moçárabe é um cristão que permaneceu nas regiões conquistadas pelos árabes, que conservou a sua religião mas mudou a sua maneira de viver que tornou-se árabe. Ao contrário, o mudéjar é um árabe que se submete de acordo ao dominador cristão. A aculturação revela-se nas mudanças de idioma, vestuário, alimentação, técnicas do trabalho e costumes pessoais. O que não foi afetado é mentalidade das pessoas e a identidade física.

Navegação

A longa tradição islâmica e moçárabe no Sul teve a importância decisiva no surto da navegação a distância e na recepção de influências múltiplas. A grande variedade de naves, principalmente usadas na pesca traíam uma origem muçulmana, geralmente o nome ou tipo. Por exemplo o cáravo ou a caravela (da palavra árabe *qarib*) foi semelhante ao pagaio usado pelos árabes no Oceano Índico. É um tipo de embarcação criada pelos portugueses, usada por eles e também pelos espanhóis durante a Era dos Descobrimentos, nos séculos XV e XVI.

Da China trouxeram para a Europa alguns invenções importantes, como a bússola, um dos contributos para o avanço dos conhecimentos náuticos e geográficos em Portugal. O conhecimento geográfico foi partilhado entre cientistas, mareantes e mercadores. A África foi conhecida até o cabo Bodajor, exploravam as Canárias, a Madeira, interior da África do Norte até ao sul do Saara, escreviam sobre os oásis no deserto e sobre os reinos indígenas. Toda essa informação foi obtida sobretudo do interior e transmitida pelo e ao mundo muçulmano. Os geógrafos árabes mencionavam a costa ocidental de África até ao Cabo da Boa Esperança. Os pescadores do sul de Portugal foram chegando cada vez mais longe na sua busca de pescada, baleias e saqueio. Seguindo boa tradição muçulmana alcançavam com frequência águas africanas, dando caça a barquinhos muçulmanos que lhes fossem inferiores. Aperfeiçoavam os métodos de navegar dos seus barcos. Também são conhecidos as viagens reais árabes no Atlântico e que estiveram por trás das suspeitas de terra a ocidente. Antes do século XII os Aventureiros, assim chamados pela historiografia árabe, largaram de Lisboa e descobriram certo número de ilhas habitadas, possivelmente as ilhas Canárias. Nas outras viagens os árabes alcançaram a ilha do Sal no arquipélago Cabo Verde e visitaram-na depois com regularidade porque carregaram sal dali. É bem possível que os mouros descobriram e a Madeira e os Açores, mas foram longe da costa e não foram interessantes economicamente.

O historiador Leo Wiener até afirma que os negros islamizados do Sudão haviam descoberto a América e deixado testemunho do seu feito em muitos aspetos da agricultura, indústria, organização política e social, costumes e práticas religiosas, e até terminologia nas civilizações pré-colombianas do continente americano (Marques, 1974, 241).

Há muitas histórias e lendas desse tempo que incluem toda a classe de monstros, perigos e obstáculos que alegadamente povoavam o Oceano Atlântico na crença geral. Uma das mais famosas é a lenda árabe do Mar Tenebroso, um mar habitado por seres estranhos e mergulhado em escuridão constante onde todos os navios naufragavam nas ondas medonhas

ou nas águas ferventes. Existia um certo temor de não regressar dessas viagens. Essas lendas mostram-nos que a navegação foi uma questão importante nesse tempo.

Ciência

Divulgaram conhecimentos matemáticos, filosóficos e científicos, aos quais foram acrescentando novos conceitos da Álgebra, Medicina, Astronomia e Aritmética. Espalharam, por exemplo, o sistema de numeração arábico, que se chama árabe ou decimal.

Formou-se um vasto corpus de ciência astronómica e matemática que foram resultados de longos anos de estudo islâmico, judaico e cristão. Os muçulmanos foram criadores de uma extensa e complexa terminologia que cobria todos os ramos da ciência. Tinham mantido viva a doutrina grega da esfericidade da Terra. Calcularam o comprimento do grau do meridiano com notável precisão, definindo a circunferência da Terra em cerca de 33000 km. Agora pode parecer como um erro grande mas nesse tempo isso não foi muito longe dos 40076 km.

Os astrónomos muçulmanos e judeus compuseram igualmente as famosas tábuas toledanas com grande número de importantes observações matemáticas com aplicação náutica.

Agricultura

A vida económica baseava-se na agricultura. O Sul produzia cereais em abundância, especialmente o trigo, a fruta e o azeite. No Algarve cultivaram os figos e as amêndoas que foram exportadas. Os muçulmanos ficaram famosos pela sua contribuição para as técnicas e melhoramentos agrícolas. Introduziram dois engenhos relevantes, a náura (nora) e a saniya (azinha). A introdução do moinho da água na Península deveu-se à gradual difusão do sistema em toda a área do Império Romano, mas os árabes o conheciam e largamente utilizavam. Não está claro se veio do norte ou do sul antes ou depois da invasão muçulmana. Nos séculos X, XI e XII começou a ser usado o moinho da água (molinos) de rodízio horizontal. Outro novo instrumento de moagem foi a azinha de roda vertical, possuindo maior força e a introdução da azinha na Península deve-se aos árabes porque os Romanos não a conheciam. Os muçulmanos conheciam ambos sistemas. Montados sobre barcas, estes engenhos subiam e desciam o curso dos rios, detendo-se perto dos povoados e suprimindo desta maneira, com as deficiências de uma indústria ainda pouco generalizada. Em Portugal foram utilizados estes moinhos móveis ao longo do Tejo, desde Abrantes até Lisboa. Ambos

engenhos estiveram na base do desenvolvimento rural de certas áreas do Sul, especialmente a nora. Estas técnicas vão permitir aumentar a produção, com muito menos esforço.

Introduziram na Península diversas plantas ou espalharam o seu uso. Trouxeram ou difundiram uma variedade botânica do trigo (trigo mourisco), o arroz, o acafrão etc. O seu contributo foi grande e para uma agricultura de tipo mediterrânico, com introdução de plantas como árvores de fruto (o laranjeiro, o limoeiro, o pessegueiro, a amendoeira, a figueira), oliveira, vinha, hortas etc.

Os árabes também trouxeram as técnicas novas de elevação da água por meio da roda e a maneira nova para o aproveitamento da sua força para mover as mós. As consequências foram positivas: a força da ribeira substituiu a do escravo e a água elevada podia fertilizar pequenos solos. Esses fatores facilitavam a instalação de pequenas glebas independentes do sistema das vilas e favorecia a pequena propriedade.

Culinária

Uma presença árabe forte existe na culinária do sul de Portugal. Deve ser considerado que o Corão não é só um livro religioso, mas que também dita normas sobre a conduta e a dieta alimentar. Os muçulmanos nas suas conquistas adotaram alguns hábitos dos povos nativos, embora guardando o essencial de sua própria tradição. Os alimentos, ingredientes e pratos de inspiração árabe que chegaram à região são muitos, só perdendo em número para os vocábulos árabes absorvidos pela língua portuguesa. A cozinha árabe nasceu numa região de poucos recursos e baseava-se no pastoreio (o leite, a coalhada, os queijos e a carne do cordeiro) e nos legumes. Em regiões mais férteis cultivavam os cereais e as frutas. Isso deu origem ao tharid ou târida, que consistia de pão mergulhado num caldo aromatizado e temperado com azeite. Nesse caldo podia-se adicionar as carnes e os vegetais que estavam disponíveis. Essa foi a origem do mais tradicional prato alentejano, a Açorda. O poejo, o coentro, o cordeiro de carne gorda, as sobremesas bem açucaradas à base de amêndoas e nozes, são coisas da culinária árabe. Também as especiarias que adicionavam aroma e sabor à comida como a alfavaca, a água de rosas, a canela, a noz-moscada, frutas secas (tâmara, uva-passa, pinhões, pistaches) e frescas (romã, maçã), e claro açúcar e mel.

O carneiro e o borrego eram as carnes mais apreciadas entre árabes. A galinha, o frango, o ganso, o pato, os pombos e as caças em geral eram também consumidos. Raramente

consumiam a carne de boi ou vaca, reservados para o fornecimento de leite ou para o trabalho no campo. Usavam marinadas para temperar as carnes, geralmente assadas no forno, raramente, grelhadas. O molho marinado era feito com vinagre, especiarias, sal, leite e morrê, tempero feito com vísceras de peixe, vinagre e pimenta. Usavam o almofariz para esmagar a carne quando faziam almôndegas. A carne de porco não era consumida, mas toleravam o seu consumo por parte de cristãos e moçárabes. Peixes também eram consumidos, mas em escala menor. Nas regiões próximas ao mar o seu consumo era maior. Ao interior, o peixe chegava salgado, trazidos pelos almocreves, na volta de suas viagens para o litoral para onde levavam cereais. Peixes gordos como o atum e a sardinha eram os favoritos. Dos peixes de rio, a truta era a mais encontrada. Consumia-se o pão, à base de trigo, e outros cereais como o arroz. O arroz era normalmente feito com carnes ou vegetais, preparado na panela ou no forno. Comiam também o arroz doce, com açúcar e especiarias como a canela e o cardamomo. Faziam as frutas no açúcar, geleias, frutas em compotas, xaropes, purês de maçãs e pastas de nozes. Nos bolos, utilizavam a farinha, o ovo, o açúcar, o mel, a canela, às quais adicionavam muitas vezes pistaches, nozes, amêndoas e avelãs. A maioria dessas coisas é conhecida hoje graças às receitas encontradas, que são poucas, mas úteis.

Educação

Existiam as escolas que se chamavam *madrasahs*. Essa palavra usava-se para universidades ou escolas secundárias muçulmanas, mas não se sabe onde e quantos foram. Geralmente, *madrasah* em árabe significa qualquer tipo de escola, secular ou religiosa, pública ou privada. Nas línguas ocidentais, como o espanhol e o português, essa palavra usa-se só para designar as escolas religiosas islâmicas.

Depois da Reconquista os tratados árabes foram traduzidos para latim. Em Toledo existia a famosa escola de tradutores. Os textos sobre medicina, álgebra, astronomia e filosofia foram traduzidos do árabe para o castelhano, e do castelhano para o latim, ou diretamente do árabe e do grego para o latim já antes da fundação dessa escola. A escola surgiu no século XII e foi fundada por D. Raimundo, beneditino nascido na França, que foi arce-bispo de Toledo nesse tempo. Convencido da importância da obra dos filósofos árabes para a compreensão de Aristóteles, ele decidiu traduzir as suas obras para o latim. As pessoas proeminentes relacionadas com a escola são tradutores Dominicus Gundisilavi, Gerardo di Cremona e Michel Scot.

Música

Grande parte dos instrumentos que são usados hoje, como o violino, a guitarra, o alaúde, a gaita ou o adufe derivam diretamente de instrumentos árabes.

A tradição islâmica no Sul, junto com a influência da França com o papel decisivo deu aos trovadores portugueses e à sua expressão poética uma forma extremamente original. A época da cultura trovadoresca foi no período 1250 -1350, mas existiu e antes. O trovadorismo aperfeiçoou os três géneros da lírica galego-portuguesa: as cantigas de amigo, cantigas de amor e cantigas de escárnio. Os trovadores foram nobres que escreviam as palavras das cantigas e os homens do povo, os mouros, os judeus e os nobres de condição inferior cantavam. Esse desenvolvimento cultural ajudou aperfeiçoar a língua portuguesa.

Alguns etnomusicólogos até acham que a influência árabe existe e no fado, estilo musical típico português, geralmente cantado por uma pessoa acompanhada por guitarra clássica e guitarra portuguesa, listado como Património Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Existem várias teorias sobre a origem desse estilo, e uma deles inclui as canções dos Mouros, que viviam nas mourarias de Lisboa. Os musicólogos consideram que a dolência e a melancolia, presentes no fado, têm origem nesses cantos. No entanto, não existem nenhuma provas que o fado era conhecido no Algarve ou na Andaluzia, onde árabes permaneciam por período mais longo. Contudo, não há dúvida que os elementos árabes no fado são presentes, porque essa cultura existia no território português por muitos séculos. Até a Amália Rodrigues, a fadista, cantora e atriz portuguesa, considerada por muitos a supremacia do fado e chamada a voz de Portugal, atribuía o tremolo dos fadistas à influência da música árabe, confessando que era a música que mais apreciava.

Hoje existe uma relação especial entre as mourarias e fadistas. Maria Severa Onofriana, primeira fadista portuguesa, nasceu na Rua do Capelão, junto ao Beco dos Três Engenhos. Perto foi nascido no século XX e *rei do fado da Mouraria*, Fernando Maurício. A Rua do Capelão faz hoje parte da iconografia do Fado. Numa casa cor-de-rosa da Travessa dos Lagares, cresceu Mariza, a mais internacional fadista portuguesa contemporânea. Junto à casa, agora fechado ao público, localizava-se o restaurante Zalala, onde Mariza aprendeu a cantar o fado.

Arte e arquitetura

A arte islâmica engloba a literatura, a música, a dança, o teatro e as artes visuais de uma ampla população do Oriente Médio que adotou o Islamismo. Nela percebe-se a influência das civilizações pré-islâmicas, dos povos conquistados e de dinastias ligadas à questão religiosa. A arte islâmica refere-se à unidade criativa de uma arte e uma arquitetura próprias de uma civilização com grande extensão geográfica. Por todos os domínios islâmicos difundiu-se uma produção artística marcada pelas ideias religiosas, imateriais com os conceitos de infinito, eternidade, menosprezo da vida material, desejo de transcendência e pelas concepções do Profeta. Nos primeiros tempos do Islão surgiu uma arte rica e variada baseada na tradição clássica, na arte bizantina, persa e de outros povos orientais cujos territórios conquistaram. A arte árabe ou moçárabe em Portugal é sobretudo arte móvel, onde os arabescos (motivos geométricos estilizados) são o principal elemento decorativo, embora apareçam também representações vegetalistas e animais; as peças de cerâmica para o dia-a-dia sobressaem nesta produção artística. As artes visuais islâmicas estão geralmente desprovidas de expressões figurativas, constituídas em grande parte por elementos geométricos e arabescos - esmerados entrelaçamentos de figuras geométricas, folhas, plantas, homens e animais, elaborados à maneira árabe. Mas também é possível encontrar diversas expressões de imagens animais e humanas, que prevalecem especialmente em contextos profanos. O que Corão condena é o culto de imagens. A partir do século IX começou uma fase de censura das formas figuradas, atribuída por alguns pesquisadores à influência de judeus convertidos ao islamismo. Deste momento em diante, representar um ser concreto significou usurpar o poder divino. A rejeição de qualquer imagem figurativa ou aniconismo deve-se ao receio da idolatria, ou seja, da veneração de imagens que simbolizassem seres do outro mundo.

A originalidade das estruturas arquitetónicas e dos motivos ornamentais deram origem a uma arte própria, tipicamente muçulmana. A ornamentação é um dos aspetos que contribuiu muito para a unificação da arte islâmica. O que caracteriza esta arte é a abundância de superfícies decoradas e as estruturas que fiquem parcialmente escondidas, num fenómeno preenchido de todos os espaços com decoração conhecido como horror ao vazio. A repetição de motivos geométricos e cosmológicos, a caligrafia e os motivos de origem vegetal estilizados junto com a combinação de materiais e texturas criam um efeito tridimensional com a aura de mistério e harmonia, que destacam igualmente a luz e a presença de água. Outro elemento decorativo típico são os adornos em estuque trabalhado.. Na arquitetura destacam-se os edifícios de carácter religioso, as mesquitas, cuja origem foi a casa do profeta Muhammad em Medina na

atual Arábia Saudita. No centro do mundo árabe todas as mesquitas seguem o mesmo padrão: um átrio, uma sala para orações, mas possuem decoração e formas diversificadas. Já na Península Ibérica há uma opção por uma arquitetura colorida, enquanto na Turquia a influência bizantina manifesta-se através da presença de grandes cúpulas nas mesquitas. As primeiras estruturas de ordem religiosa apareceram depois da deslocação do centro do poder de Medina para Damasco e Jerusalém: a Cúpula do Rochedo, em Jerusalém, e também a Mesquita de Damasco. A arquitetura islâmica expressa-se também através da construção de madrasas que são escolas religiosas, locais de retiro espiritual e túmulos.

Uma rica diversidade de estilos e o uso de técnicas eficazes marcaram as artes visuais islâmicas, essencialmente decorativas e coloridas. Os arabescos eram utilizados tanto na arquitetura quanto na decoração de objetos. A produção de cerâmicas, vidros, a ilustração de manuscritos e o artesanato de madeira ou metal também foram muito importantes na cultura islâmica. A cerâmica é uma das primeiras artes decorativas muçulmanas, principalmente a decoração da louça de barro em esmalte, uma das mais admiráveis contribuições do Islã para esta arte. A pintura islâmica é expressa por meio de afrescos e miniaturas. Infelizmente, poucas pinturas sobreviveram ao tempo em bom estado. Elas eram em geral empregadas na decoração das paredes dos palácios ou de edifícios públicos. Os seus temas abrangiam episódios de caça e do cotidiano da corte. O estilo era análogo ao da pintura helénica, mas sofria também influências da Índia, da cultura bizantina e também da chinesa.

À semelhança dos Romanos mantiveram um estilo de vida mediterrânico, urbano, luxuoso, visível, não tanto em Portugal, mas nas mesquitas e nos palácios da Espanha, onde o tamanho, a decoração, as casas de banho, as fontes e os jardins manifestam fartura e riqueza. No entanto nas cidades de Coimbra, Lisboa, Faro, Évora e outras, que foram cidades islamizadas, ainda hoje encontram-se os traços de muralhas, portas, traçados urbanos e vestígios de mesquitas. Transformava-se o quadrado da área da mesquita numa planta de cruz latina, acrescentando ou retirando materiais, adaptava-se o mihrab, o minarete transformava-se em torre sineira e destruíam-se as decorações árabes. De acordo com alguns historiadores a Igreja de Santa Maria de Faro foi erguida sobre as fundações de uma mesquita. O edifício atual foi começado em 1251, dois anos após a reconquista cristã do povoado, por ordem do Arcebispo de Braga D. João Viegas. Em Mértola, a mesquita foi na segunda metade do século XII e depois transformada em Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Mértola (Igreja Matriz), embora com algumas modificações. Mas, apesar disso, torna-se possível, a partir de certos elementos arquitetónicos e decorativos, reconstituir a mesquita. Merece referência a

estrutura quadrangular de cinco naves, com a central mais alargada, o nicho poligonal do mihrab (nichos que integra os grandes locais de oração muçulmanos e que tinha por finalidade indicar aos fiéis a direção de Meca) com decoração de arcos polilobados em gesso, e as colunas de suporte da mesquita, ordenadas em fiadas de seis, que sustentavam as quatro sequências de arcos. Uma torre quadrangular, até aos finais do século XVII, foi a nota dominante nos cinco telhados de duas águas que cobriam o edifício. Atualmente, ainda subsistem quatro portas de arco ultrapassado com o seu alfis. O seu exterior, com a frontaria coroada por ameias intercaladas por grandes coruchéus, deve-se ao reinado de D. Manuel. Não se conhece o artista que reconverteu a antiga mesquita, mas uma remodelação fechou o mihrab e algumas entradas.

Outro lugar onde se pode notar a forte influência da arquitetura árabe/islâmica é o Castelo de Silves, originalmente de construção árabe, que remonta ao século VIII. Constituído por muralhas de taipa e espessas torres, ergue-se, no centro, uma enorme cisterna com a abóbada abaulada e cinco arcos de volta inteira. A influência árabe também se verifica, por exemplo no Palácio da Vila (Sintra), no revestimento de paredes e chãos, azulejo e mosaico, com técnicas específicas e uma paleta de cores importadas da Espanha mourisca. Era uma decoração bonita e barata. No Algarve observa-se em certas regiões umas chaminés brancas com um rendilhado na parte superior. Embora sejam de hoje, lembram os trabalhos dos árabes que ali viveram. Das artes da construção, como arquitetura militar e civil, nada foi preservado até agora, mas muito tem sido estudado e recuperado. Um dos casos importantes é Mértola, onde tem havido restaurações que vão do Bairro à necrópole (espaços funerários) islâmica. Quando se estuda o património árabe construído é obrigatório recordar a abóbada e o arco de ferradura que embora fosse utilizado na península Ibérica antes dos islâmicos e passou a ser a sua imagem que marca a presença da cultura islâmica. Em Portugal este arco aparece do Norte até ao Algarve. Existiam muitas diferenças relacionadas com a disposição e estrutura dos edifícios em comparação com os edifícios cristãos, mas uma diferença nítida foi na abordagem dos cultos, nomeadamente no culto da morte. Os mortos eram enterrados fora do perímetro das cidades, envoltos num sudário, sem qualquer despojo, diretamente em contato com a terra e numa posição de decúbito lateral, com o rosto voltado para Meca. Trata-se de um ritual completamente distinto do ritual cristão.

É importante não confundir a arte islâmica ou árabe, com a neo-árabe que é uma arte contemporânea, do fim do século XIX, que imita e recria com luxo e exotismo a arquitetura muçulmana. Algumas obras neo-árabes são Praça de Touros de Lisboa, Salão árabe no

Palácio da Bolsa no Porto, Pátio interior da Casa do Alentejo em Lisboa, e no Brasil o Pavilhão Mourisco no Rio de Janeiro, e a fachada do Mercado Municipal de Campinas.

Artesanatos

Não se sabe muito sobre o artesanato. Os alfaiates, os carpinteiros, os sapateiros, os oleiros, os pedreiros, os seleiros e outros foram organizados em corporações rudimentares e estabelecidos em ruas ou zonas bem determinadas. Pode-se só concluir, graças a nomes árabes para as profissões que ainda existem na língua portuguesa, quais artesanatos foram mais populares e influenciados pelos árabes.

No entanto, podem-se destacar dois ramos que, sem dúvida, têm desenvolvido sob a influência árabe.

Azulejo

O azulejo é uma peça de cerâmica, um ladrilho, de pouca espessura, geralmente quadrado, vidrado por um lado, com desenhos e cores variadas, que se usa para cobrir superfícies. A parte vidrada é o resultado da cozedura de um revestimento geralmente denominado como esmalte, que se torna impermeável e brilhante. A face do ladrilho pode ser monocromática ou policromática, lisa ou em relevo. O azulejo é geralmente usado como elemento arquitetónico em revestimento de superfícies interiores ou exteriores mas pode ser e elemento decorativo isolado. Os temas mais comuns são episódios históricos, cenas mitológicas, iconografia religiosa e muitos elementos decorativos, por exemplo geométricos ou vegetalistas, aplicados a parede, pavimentos e tectos de palácios, jardins, edifícios religiosos, de habitação e públicos. Azulejo em Portugal não foi só um elemento decorativo, mas tornou-se durante os séculos um parte muito importante da arte nacional. Hoje é considerado um dos produtos mais originais da cultura portuguesa. Mudando durante o tempo, o azulejo reflete a arte, história e gosto de cada época.

Existem vários tipos de azulejo e um está relacionado com o tema, o azulejo mudéjar ou hispano-mourisco. Técnica desenvolvida e implementada pelos mouros na península Ibérica e seguida em Espanha com gosto pela decoração geométrica e vegetalista, o que se designaria no barroco como horror vacui, ou horror ao vazio. Nesta técnica, depois da primeira cozedura, o barro, que deve estar homogéneo e estável, cobre-se com o líquido que se tornará no vidro. Os diferentes tons de cores obtêm-se a partir de óxidos metálicos: cobalto dá azul, cobre

verde, manganésio castanho e preto, ferro amarelo e estanho dá branco. Na segunda cozedura as placas devem ser colocadas horizontalmente no forno assentes em pequenos tripés de cerâmica designados de trempe. Estas peças deixam três pequenos pontos marcados no produto final, hoje em dia importantes na avaliação de autenticidade. No início o azulejo não tinha uma dimensão normalizada, mas em Portugal, no século XVI o azulejo passou a ter uma medida quadrada variável entre 13,5 e 14,5 cm. Isso aconteceu por causa do aumento de produção pelo maior número de encomendas e isso durou até o século XIX.

Não está errado relacionar o termo azulejo com a palavra azul, designando uma das cores do arco-íris, porque grande parte da produção portuguesa de azulejo é caracterizada pelo emprego maioritário desta cor. Também, a origem de ambas palavras é árabe.

A utilização do azulejo encontra-se na antiguidade, no Antigo Egito e na região da Mesopotâmia. Espalhou-se por um grande território com a expansão islâmica pelo norte de África e Europa, e foi introduzido na Península Ibérica no século XIV por mouros, influenciado pela porcelana chinesa, que foi popular em vários centros artísticos no próximo oriente. Durante a permanência islâmica na Península Ibérica a produção do azulejo cria bases próprias em Espanha e desenvolve-se a técnica mudéjar entre o século XII e meados do século XVI em oficinas de Málaga, Valência e Sevilha. No fim do século XV e início do século XVI o azulejo chegou em Portugal, que já tinha uma longa tradição em produção de cerâmica.

Filigrana

A filigrana portuguesa é parte do património da joalharia e representa vários temas da história e cultura portuguesas, com imagens do mar, natureza, religião ou amor. Exemplos são os corações de Viana, as arrecadas, os crucifixos, os brincos de fuso ou à rainha, as cruzes de Malta, os colares de conta. Filigrana foi uma marca de distinção social e também dava uma importância adicional para as famílias. As peças da filigrana portuguesa são trazidas para festas especiais, por grupos sociais mais ricos e por esses não tão ricos como a parte dos trajes tradicionais portugueses do Minho e do Douro Litoral.

A filigrana é uma arte manual, que precisa um trabalho muito paciente, imaginativo e exige uma grande habilidade. O termo é derivado do latim *filum*, que significa fio e *granum*, que significa grão. Trabalha-se com o ouro, prata, bronze e outros metais através de graciosos fios destes materiais, entrelaçados, que dão origem a obras de arte elaboradas com vários padrões.

A origem da filigrana portuguesa remonta aos povos pré-romanos. Quando os árabes chegaram à Península, a técnica da filigrana já era trabalhada e dominada pelas civilizações ibéricas. Os árabes contribuíram de forma notável para esta técnica de ourivesaria, criando, a partir de filamentos delicados e maleáveis, obras de arte que enriqueceram a estética do desenho da linha.

Papel

Existem algumas especulações sobre a fabricação de papel, e que na península Ibérica foi a primeira fábrica europeia. A invenção do papel é atribuído a um oficial do tribunal chinês, Cao Lun, no ano 105 a.C. A primeira fábrica de papel foi instituída em Tsai Lun na China no mesmo ano. A técnica de produção de papel foi mantida em segredo pelos chineses, por cerca de 500 anos. Os japoneses conheceram-no no século VII, e já em 770 produziram a primeira publicação que foi uma oração budista impressa em bloco batido, técnica do carimbo, do qual editaram cerca de 1.000.000 de exemplares. A tecnologia para a fabricação do papel chinês, manual e em pequenas folhas, foi conhecida pelos europeus depois que os árabes venceram os chineses em Samarcanda, 751 da nossa era. Os árabes, que ali aprenderam a confeção do papel começaram a fabricá-lo e a usá-lo intensivamente, ainda nesse estado de fabricação primitivo. Levaram os segredos da fabricação para a Espanha, quando mouros invadiram a península Ibérica no século IX. Depois que os mouros perderam o domínio territorial na Catalunha, Espanha, o segredo de fabricação disseminou-se pela Europa. A introdução do papel na administração pública árabe iniciou-se sob o reinado do califa Arun Al Rashid para evitar falsificações de documentos, porque o pergaminho era mais fácil de ser fabricado que o papel.

Comércio

As compras e vendas e contratos durante os séculos X, XI e XII exigiam o pagamento com o dinheiro. Os governantes portugueses não julgaram necessário cunhar moeda e por isso no território português circulavam os dinheiros leoneses de bilhão, o dinar de douro e o dirham de prata islâmica. Afonso Henriques foi o primeiro que durante o seu longo reinado, que implicou acréscimo de fortuna, desenvolvimento do comércio e necessidade de prestígio, fez cunhar os primeiros morabitinos de ouro portugueses. Esse dinheiro copiava em tamanho, em valor e em nome o seu modelo muçulmano (de al-Murabitun, o dinheiro dos Almorávidas). O

comércio português nasceu dos intercâmbios constantes com o mundo islâmico. A económica de Portugal foi um compromisso entre a influência meridional muçulmana e a origem setentrional e cristã. O comércio com o mundo islâmico foi florescente durante a Idade Média porque o mercado português ajudava as regiões muçulmanas obter produtos do Norte.

Mudança linguística

A mudança linguística é um processo pelo qual uma língua viva não estagna, mas evolui, acompanhando o evoluir da sociedade que a utiliza como instrumento de comunicação (Castro, 1991, 11). As palavras mudam significado para melhor servir a expressão do pensamento, as novas palavras criam-se para representar novos objetos e ideias e as outras palavras que não são usadas caem em desuso. O léxico não é o único componente que muda; também mudam estruturas gramaticais, as regras de funcionamento da morfologia e da sintaxe, modo de produção dos sons e relações entre as unidades que constituem o sistema fonológico. As mudanças fonéticas e fonológicas são mais fáceis para observar e no início a linguística foi completamente dedicada a elas. Todas as palavras de uma língua sempre têm uma história fonética comum, mas história semântica diferente. Existem as duas disciplinas relacionadas com a evolução da língua durante a história, a linguística histórica e a história da língua. A história da língua pode ser considerada parte da linguística histórica mas também é parte da história. O seu objeto é língua em particular. A história da língua portuguesa descreve a evolução da língua portuguesa desde a sua origem na península Ibérica até ao presente, como língua oficial falada em Portugal e nos outros países de expressão portuguesa. O objeto da linguística histórica é mudança linguística. Chama-se também a linguística diacrônica e estuda o desenvolvimento histórico de uma língua, quais línguas a influenciaram, as mudanças que ocorreram ao longo do tempo e porquê.

Influência árabe na língua portuguesa

Os árabes foram o segundo e o último componente significativo da língua portuguesa. Segundo Marques (1974, 19), a repercussão na linguagem foi limitada. O árabe não deixou os vestígios na sintaxe, e quanto ao vocabulário os linguistas calculam cerca de seiscentas

palavras que passaram do árabe para o português, que é um número bastante pequeno. A maior influência foi nos substantivos, e não na estrutura da língua que permaneceu puramente latina. Uma nova palavra geralmente adota-se para exprimir uma realidade nova, portanto a importação vocabular pode-nos dar uma ideia aproximada de quanto os árabes trouxeram à Península. Os seus vocábulos são especialmente numerosos para designar vegetais e produtos hortícolas. São também muitos os termos relacionados com o aproveitamento da água para as regas, com o comércio, as ciências e os instrumentos científicos, o vestuário, o mobiliário e os apetrechos diversos. Essa importação vocabular mostra uma renovação nas áreas da economia e técnica, que não foi desenvolvida depois da época romana. Com as novas conquistas seguintes chegaram e novas influências, por exemplo francesa, italiana e inglesa. As modas e as coisas mudaram e foram dados os novos nomes mais modernas. Os termos técnicos e científicos também mudaram. No português medieval as palavras árabes surgiam por toda a parte, mas no português moderno em sua maioria mostram-se obsoletas. Nas regiões a sul do Douro nunca se falava o galaico-português do Norte. O lusitano ou moçárabe foi formado isoladamente e em diferentes condições culturais que significa que foi diferente dos outros dialetos moçárabes desenvolvidos na Espanha muçulmana. Por causa da posição de Portugal ocidental e isolada existiam muitos arcaísmos linguísticos. Também, o português recebeu menos palavras árabes do que o castelhano, portanto mais do que o catalão no leste.

Todas as letras do alfabeto árabe são consoantes e dividem-se em solares e lunares. O grande número dos substantivos começa com o artigo definido *'al-* e frequentemente o *l* é assimilado à consoante inicial solar, isto é, substituído na pronúncia por uma consoante igual a que se vai seguir. Por exemplo, *azeite* escreve-se *alzeite* em árabe, mas pronuncia-se /e.'zɛj.ti/, porque o *z* é uma consoante solar. Isso significa que o *l* permanece na escrita mas não se articula. Por outro lado, as consoantes lunares não têm influência na pronúncia do *l* do artigo *'al-*. Não há assimilação quando essas consoantes constituem a letra inicial da palavra e o *l* articula-se como nas formações regulares, por exemplo em *alferes* (o cavaleiro), *almeida* (a mesa) ou *alcântara* (a ponte).

Um outro sinal que ajuda reconhecer as palavras de origem árabe são as primeiras letras *x-* e *enx-*, por exemplo nas palavras *xarope*, *xadrez*, *xerife* e *enxaqueca*, *enxoval*, *enxofre*. Também é possível reconhecer algumas palavras pela terminação: *-i* nas palavras *javali*, *mufti* ou *sufi*, *-il* nas palavras *cordovil*, *mandil* ou *anil*, *-im* nas palavras *alecrim*, *carmesim* ou *cetim*, *-afe* na palavra *alcadafe* ou *-aque* nas palavras *almanaque* ou *atabeque*.

Algumas consoantes árabes não entraram na língua portuguesa porque não se adaptaram à pronúncia portuguesa, por exemplo o *h*, que geralmente se transforma em *f*, como em *alfama* (do árabe *alhammam*), *alfazema* (do árabe *al-khuzāmā*) ou *alface* (do árabe *al-khass*).

Algumas expressões de caráter religioso hoje estão usadas na fala cotidiana, por exemplo: *oxalá* (se Deus quiser), *olá* (saudação), *olé* (interjeição utilizada como aplauso ou incentivo) e *olarilolé* (profissão de fé muçulmana).

Um outro assunto curioso é o dos provérbios ou ditados populares: existem muitos de proveniência quer ocidental, chinesa, indiana ou árabe e que têm uma força educativa porque transmitem em poucas palavras a verdade das coisas e são universais. A cultura popular vai-se espalhando e por vezes perde-se a sua origem. Também podem chegar através de um povo que lhes dá a paternidade; pode acontecer que permanece o sentido, mas mudam os intervenientes devido à nova cultura. Alguns exemplos: *Tal pai, tal filho* (indica que um indivíduo é muito parecido com o seu progenitor); *Cada macaco em seu galho* (cada pessoa deve preocupar-se apenas com aquilo que lhe diz respeito); *Casa de ferreiro, espeto de pau* (uma pessoa hábil em determinada coisa, não usa essa habilidade a seu favor.); *Mais vale um pássaro na mão, do que dois a voar* (não se deve trocar o certo pelo incerto, vale mais o que está seguro na nossa mão, embora de menor valor, do que algo melhor, mas que não é seguro); *Antes só que mal acompanhado* (uma pessoa é correto, digno, não quer a companhia de pessoas que não tenham suas utilidades.); *Os cães ladram e a caravana passa* (devem-se ignorar as provocações que possam impedir o progresso e esquecer críticas que não sejam construtivas); *Anda mouro na costa* (recorda as investidas dos piratas berberes na costa portuguesa; hoje refere-se a alguém que anda a rondar, interessado); *Seca e Meca* (é nitidamente árabe, pois Seca era a importante cidade de Córdova (Espanha) e Meca a cidade santa; quer dizer fazer muito e não adiantar nada).

Romance moçarábico

O moçárabe ou romance moçarábico era a língua que usavam os habitantes que viviam nos territórios ocupados durante a permanência árabe na Península. Foi usada especialmente na metade meridional. O moçárabe e o português são as línguas românicas ocidentais mais conservadoras nas suas evoluções linguísticas. A ocupação árabe parou o processo de evolução do moçárabe e depois da Reconquista perdeu-se entre os dialetos portugueses e

castelhanos do norte. O que essa língua possuía foi uma literatura oral recolhida nas *hardjas*. As *hardjas* são fragmentos poéticos de 2 a 4 versos, pertencentes a uma lírica oral tradicional muito antiga, recolhidos por poetas árabes e judeus dos séculos XI a XIII e utilizados para remate do *muwashshah*, longo poema narrativo de origem peninsular que, segundo os tratados de poética, devia ter uma conclusão surpreendente e incompreensível. As *hardjas* são a fonte escrita mais importante para o conhecimento do moçárabe. Conhecem-se apenas algumas dezenas de *hardjas*, que começaram a ser publicadas e estudadas em 1948 por S.M. Stern, da extensa bibliografia posterior, deve destacar-se Alonso, 1949; Pidal, 1951; Stern, 1953; Pidal 1960; Heger, 1960; Garcia Gómez, 1965 (Castro, 1991, 165). Frequentemente as *hardjas* tinham diferentes interpretações. Por exemplo, há uma pequena quadra heptassilábica, do poeta judeu Yehuda Halevi, colocada no final de um *muwashshah* em que uma donzela confessa o seu amor perante as companheiras. Dámaso Alonso leu-a assim:

Garid vos, ay yermanelas
¿com' contener é meu mali?
Sin el habib non vivreyu
ed volarei demandari.

(Dizei vós, ai (minhas) irmãzinhas: como hei de conter o meu mal? Sem o (meu) amigo não viverei e voarei a procurá-lo.)

Stern leu o poema do modo diferente:

Garid vos ay yermanellas
com contenir a meu male
Sin al-habib non vivireyu
advolaray demandare.

(Dizei-vós, ai (minhas) irmãzinhas, como conter o meu mal, Sem o (meu) amigo não viverei. Voarei a procurá-lo.)

Nota-se que a sintaxe do segundo verso e o verbo *advolare* no quarto verso são diferentes.

Ainda existem algumas diferenças na evolução do português, castelhano e moçárabe. O moçárabe, ao contrário do castelhano, não perdeu o *f*- inicial latino (*filyo*), não perdeu o *g*- inicial latino antes vogal palatal (*germanella*) e não perdeu *n* e *l* intervocálicos (*alyeno*, *contenit*, *doler*). Pode-se concluir que o moçárabe foi uma língua mais conservadora. Também

existem os arcaísmos com a grupa inicial *pl-* preservada (*plantain*), como o catalão e aragonês (*plantatge* e *plantaina*), mas não como os romances ocidentais e centrais (português *chantagem*, castelhano *llantén*). O *-t* final latino é preservado (sonorizado em *-d*) nas formas verbais da terceira pessoa (*sanarad*), como e o *-e* final depois de consoante líquida (*male*, *amore*, *dormire*, *velare*). Não ocorre a sonorização de surdas intervocálicas (*lupayra*, *boyata*). O moçárabe foi menos evoluído em relação ao latim. Também foi aproximando mais do português que do castelhano. Gérman de Granda explica isso e afirma que o arcaísmo das suas soluções apoia-se numa atitude psicológica de defesa perante o árabe, atitude que condensa na manutenção do primitivo romance visigótico uma afirmação de tipo nacional e que, por isso, tende a considerar os traços fonéticos do romance falado antes da conquista muçulmana como dotados de uma imutabilidade que entrelaçaria a triste realidade do estado de servidão contemporâneo com as memórias de uma época anterior, independente e soberana. A língua desaparecida pode-se conhecer através de documentação escrita, de toponímia e de palavras soltas conservadas nos dialetos meridionais. A erudição e a ciência árabes podem dar os sinónimos moçárabes, por exemplo nomes das plantas. Isso significa que o romance continuava a ser falado. Os topónimos moçarabismos do sul são *Mértola* (*Mirtula*), *Baselga* (*Basilica*), *Molino* (*Moinho*) e *Madroneira* (*Madroeira*). Nesses exemplos encontram-se o *l* e o *n* intervocálicos conservados.

O rio Mondego foi sempre reconhecido como uma fronteira entre o mundo muçulmano e cristão, mas também é a fronteira entre o romance galego-português primitivo e o romance centro-meridional conservado pelos moçárabes. Herculano de Carvalho reuniu os topónimos que provam a ocupação moçárabe quase até ao Mondego, por exemplo *Fontanelas* (*Fontelo*, *Fontelas*) e *Arneiro* (*Areeiro*). A norte do Mondego não existem os topónimos moçárabes mas essa ausência não é prova que não viviam ali. Não é possível conhecer a distribuição completa das línguas na Península nesse tempo. As invasões muçulmanas e a Reconquista mudaram completamente a situação no centro e no sul de Portugal atual. O norte não sofreu os efeitos grandes dessa guerra. Nos séculos XI e XII os exércitos cristãos cruzaram os rios Mondego e Tejo e ocorreu um contato entre o galaico-português e moçárabe. Assim nasceu o português.

No quadro atual dos dialetos portugueses existe uma divisão norte - sul. Essa divisão tem suas raízes no período da Reconquista. Agora distinguem-se três grandes áreas dialectais: norte, que inclui o Minho e Trás-os-Montes, centro, isto é Beira, e sul ao qual pertence o resto do País. Os dialetos setentrionais são mais numerosos do que os dialetos meridionais. Os centros mais importantes sempre foram no sul do país, por exemplo Lisboa, Santarém, Évora, Beja e

Silves. Quando a capital foi transferida para Lisboa no século XIII, o dialeto meridional tornou-se mais dominante. O dialeto nortenho desenvolveu do antigo galaico-português. O falar do Sul é herdeiro direto do moçárabe. O dialeto do centro é mais semelhante do Norte do que ao do Sul. Isso pode explicar-se pelas circunstâncias da guerra entre cristãos e muçulmanos que ajudou espalhar o galaico-português para sul.

Lidley Cintra no seu artigo *Áreas lexicais no território português* opõe os dialetos centro-meridionais aos dialetos setentrionais e vocábulo de origem árabe no sul contra um vocábulo de origem latina ou germânica no norte. Orlando Ribeiro, citado por Castro (1991, 26), definiu o norte atlântico (ou Galiza) como a parte conservadora e o norte interior e o sul mediterrânico como as regiões inovadores.

Campos lexicais

O campo lexical é o conjunto de palavras que pertencem a uma mesma área de conhecimento, e está dentro do léxico de alguma língua. Essas palavras referem-se ao mesmo domínio da realidade. Por exemplo, para construir o campo lexical da palavra *mar*, usam-se as palavras como *barco*, *praia*, *areia*, *onda* etc.

O campo semântico é um conjunto de palavras unidas pelo sentido, toda a área de significação de uma palavra ou de um grupo de palavras. Por exemplo, no campo semântico da palavra *mar*, encontram-se as palavras *marinheiro*, *marítimo*, *beira-mar* etc. Também, segundo Berruto, pode-se definir como um conjunto de significados que uma palavra pode ter em diferentes contextos. Por exemplo, ao campo semântico da palavra *navegar* pertencem as palavras *marear*, *velejar*, *sulcar*, *vogar*, *singrar* etc.

Agora, sabendo nas quais áreas a influência árabe foi mais forte e mais visível, e tendo um pequeno conjunto das todas palavras de origem árabe na língua portuguesa, é possível ligar essas palavras com áreas a que se referem e criar os campos lexicais dessas palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual. Não é necessário saber todos os significados que uma palavra pode ter nos diferentes contextos para analisar a influência de uma língua na outra, e por isso essa análise não incluirá os campos semânticos.

O primeiro exemplo é a palavra **agricultura**. Ao seu campo lexical pertencem as palavras seguintes: azeite, alfarroba, alface, alfazema, laranja, limão, açafrão, acelga, cenoura, estragão, albarrã, almargem etc.

Azeite, do árabe *az-zayt*, significa óleo extraído da azeitona. Para a difusão de azeitona terá contribuído a importância da produção de azeite durante o domínio árabe na península Ibérica. Foi assim que o óleo de oliva passou a chamar-se azeite e o fruto donde este produto é extraído, azeitona, do árabe *az-zaytuna*.

Alfarroba, do árabe *al-karrub*, é um fruto ou vagem de sabor adocicado e de grande valor nutritivo, produzido por alfarrobeira.

Alface é uma planta herbácea comestível, muito cultivada em Portugal, cujas folhas, bem como as de outras variedades da mesma espécie, são muito utilizadas em culinária, sobretudo na preparação de saladas. Originou-se do termo árabe *al-khass*.

Alfazema, do árabe *al-khuzāmā*, é uma planta aromática, com flores azuladas, utilizada em perfumaria e muito cultivada em Portugal. Em português existe e a palavra lavanda, usada em muitas outras línguas como francês, italiano, espanhol, croata etc. Às vezes essas palavras são usadas no mesmo sentido, mas também encontra-se a definição que a alfazema é um dos vários tipos de arbustos das lavandas existentes.

Laranja é o fruto da laranjeira, arredondado, dividido em gomos sumarentos e coberto por uma casca cuja cor varia entre o amarelo e a cor de laranja. Neste caso a língua árabe foi o mediador, porque originou da palavra persa *narang* e pelo árabe *naranjā* criou-se português *laranja*. Essa palavra existe e nas outras línguas, por exemplo em francês e inglês *orange*, em espanhol *naranja*, em italiano *arancia*, em croata *naranča* etc.

Limão, do árabe *limun*, é fruto do limoeiro, de formato oval, com casca amarela quando maduro, e sabor ácido. Encontra-se também em inglês *lemon*, em espanhol *limón*, em italiano *limone*, em croata *limun* etc.

Açafrão, do árabe *az-zá afran*, é uma planta de cuja flor se extrai um corante amarelo-alaranjado aplicado em culinária, em farmácia e em medicina, também designada açafroeira e açafior. Em francês usa-se a palavra *safran*, em espanhol *azafrán*, em italiano *zafferano*, em croata e russo *šafra* etc.

Acelga (celga ou beterraba branca), do árabe *silqâ*, é uma planta comestível, cultivada em Portugal, as suas folhas podem ser baças ou brilhantes, com uma coloração verde ou avermelhada.

Cenoura é planta espontânea e frequente em Portugal, cultivada especialmente pelo valor nutritivo da raiz que tem forma alongada e estreita, cor alaranjada e está utilizada na alimentação. Originou do árabe vulgar *isfanâriya*, pelo castelhano antigo *zahanoria*.

Estragão, do grego *drákon*, pelo árabe *tarkhon* e pelo francês *estragon*, é planta aromática, com gosto subtil, muito usada em culinária em molhos, estufados e grelhados.

Albarrã ou cebola-albarrã, do árabe *al-barran*, é uma planta bolbosa utilizada em medicina, frequente no litoral de Portugal. É interessante mencionar outro uso da palavra *albarrã* em português. Uma torre albarrã, em arquitetura militar, é uma torre saliente num castelo ou num troço de muralha, à qual se liga, em geral, por um passadiço. Esta figura arquitetónica foi introduzida pelos Almóadas na península Ibérica.

Almargem ou almarge, do árabe *al-marj*, significando pradaria, é a terra de pasto ou a erva que cresce nos almargeais, usada para pasto.

O campo lexical árabe-português da palavra **vestuário** inclui as palavras alfinete, algibeira, algodão, aljava, aljuba, alpergata, damasco, fato etc.

Alfinete, do árabe *al-khilālât*, tem vários significados hoje. Falando de vestuário pode significar pequena haste de metal, pontiaguda de um lado e com cabeça no outro, que serve para pregar roupa, broche de senhora ou objeto de adorno que os homens pregam na gravata.

Algibeira, do árabe *al-jibairâ* que significa um saco pequeno, é um bolso feito numa peça de roupa ou saquinho que as mulheres usam à cintura.

Algodão é conjunto dos filamentos celulósicos que revestem as sementes do algodoeiro e que têm grande utilização, nomeadamente na indústria de tecidos, e também fio ou tecido fabricado com estes filamentos. Originou do árabe *al-qutún*.

Aljava, do árabe *al-ja'abâ*, foi um coldre ou carcás em que se metiam as setas usadas pelos arqueiros desde a mais remota Antiguidade.

Aljuba, do árabe *al-jubbâ*, é uma veste curta mourisca semelhante ao colete, com meias-mangas ou sem mangas, também chamada o gibão.

Alpergata ou alpercata, do árabe norte-africano *al-balgāt*, calçado grosseiro de lona, assente sobre corda ou borracha, que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano.

Damasco é um tecido de seda (mas que também pode ser de lã, linho ou algodão) com desenhos em relevo, de grande qualidade, originário da cidade de Damasco, capital da Síria.

Fato, do árabe *hatu*, é principalmente um vestuário masculino constituído por calças, casaco, e por vezes colete, geralmente do mesmo tecido, mas também significa e vestuário feminino composto de saia, calças ou vestido e casaco.

Sabendo que a maioria dos instrumentos usados hoje derivam diretamente de instrumentos árabes, pode-se construir um campo lexical dos **instrumentos musicais**, incluindo as palavras adufe, alaúde, albogue, alboque, anafil, arrabil, etc.

Adufe, do árabe *ad-duff*, é um instrumento musical português. É um pandeiro quadrado, com peles retesadas dos dois lados e cosidas entre si, e dentro do qual são colocados sementes, grãos ou soalhas, de forma a enriquecer a sonoridade.

Alaúde, do árabe *al-'aud*, é instrumento de cordas, de origem árabe, com a parte de trás curva, o tampo plano com uma abertura acústica redonda, e o braço largo, muito comum na Europa desde a Idade Média ao período barroco.

Albogue, do árabe *al-bōq*, é antiga flauta pastoril. De outro lado, frequentemente confundido, alboque, do árabe *al-bûq*, é um tipo de gaita pastoril de palheta simples, tradicional do País Basco.

Anafil, do árabe *an-naḥār*, é uma trombeta mourisca, um instrumento musical de sopro, um aerofone da família dos metais.

Arrabil, do árabe *ar-rabāb*, é um antigo instrumento de cordas, tangido com um arco.

Algumas palavras podem pertencer a vários campos lexicais. Uniremos dois campos lexicais, das palavras **habitação** e **mobiliário**, incluindo as palavras almofada, almucela, almadraque, alguidar, algeroz, almofariz, azulejo etc.

Almofada, do árabe *al-mukhaddâ*, é espécie de saco de forma variável cheio de uma substância fofa, usado para assento ou para recostar a cabeça, um travesseiro pequeno. Hoje tem e outros significados, como peça de madeira saliente nas portas ou janelas, peça de tecido nas camas de estilo, cabeceira etc.

Almucela ou almocela, do árabe *al-muçala*, significando tapete para orar, tem dois significados em português hoje. É um tapete usado pelos muçulmanos para rezar de joelhos e também uma manta usada para cobrir camas, coberta ou colcha.

Almadraque é uma almofada usada como assento ou para encostar a cabeça ou um colchão grosseiro. Originou do árabe *al-matrah*, que significa tapete ou colchão.

Alguidar, do árabe *al-gidār*, significando escudela grande, é um vaso de barro, madeira, metal ou plástico, cuja boca tem muito maior diâmetro que o fundo e que serve para lavar, amassar, etc. A alguidarada é a palavra derivada e significa o conteúdo de um alguidar.

Algeroz é um pequeno canal colocado no extremo inferior das coberturas e destinado a escoar as águas que ali caem. Originou do árabe *az-zurúb*, significando cano de água.

Almofariz, do árabe *al-miharās*, pelo castelhano antigo *almofariz*, é um vaso em que se tritura qualquer coisa com um pilão, um gral.

Azulejo, do árabe *az-zuleij*, significando pequena pedra polida, pelo castelhano *azulejo*, é uma placa de cerâmica, pintada e vidrada numa das faces, utilizada no revestimento de paredes.

Existem muitas palavras de origem árabe que se podem classificar em campo lexical da palavra **profissão** (incluindo também cargos públicos), como alcaide, alfageme, alfaiate, alferes, almocreve, almotacé, almoxarife, alvasil, alvanel etc.

Alcaide, do árabe *al-qāid*, que significa chefe, foi um antigo governador de castelo ou de província, um castelão ou antigo oficial de justiça. Esta palavra não tem só os significados obsoletos, mas está ainda usada com significado chefe dos guardas numa prisão espanhola.

Alfageme é um fabricante ou polidor de armas brancas, um açacalador, armeiro, espadeiro. A palavra originou do árabe *al-hajjám*, significando sangrador.

Alfaiate, do árabe *al-haiiât*, é um indivíduo que confeciona vestuário masculino, sobretudo fatos.

Alferes, do árabe *al-fāris*, que significa cavaleiro, escudeiro, é posto de oficial subalterno do Exército e da Força Aérea, superior ao de aspirante a oficial e inferior ao de tenente, e cuja insígnia é constituída por um galão estreito.

Almocreve, do árabe *al-mukārī*, é um indivíduo que transporta em animal de carga, um recoveiro.

Almotacé é uma palavra antiga que significa o inspetor camarário de pesos e medidas que fixava o preço dos géneros. Originou do árabe *al-muhtasib*, significando inspetor de pesos e medidas nos mercados.

Almoxarife, do árabe *al-muxrif*, significando tesoureiro, foi um administrador ou feitor de propriedades da casa real, um tesoureiro da casa real. Hoje a palavra está usada com significado funcionário responsável pelo depósito e distribuição de materiais e matérias-primas.

Alvasil, alvazil ou alvazir, do árabe *al-vazīr*, é funcionário de justiça, um esbirro, com o significado antiquado.

Alvanel é operário que trabalha em construções com pedra, tijolo, cimento, cal, também chamado pedreiro. Originou do árabe *al-bannā*.

No campo lexical da palavra **cor** encontram-se algumas palavras de origem árabe que denotam as cores do arco-íris, como alaranjado, azul e anil.

Alaranjado, significando que tem a forma ou a cor da laranja, tem a mesma origem como palavra laranja, como a cor característica deste fruto. Originou da palavra árabe *naranjā*.

Azul, do árabe *lázúrd*, é cor do arco-íris semelhante à do céu sem nuvens e qualquer gradação desta cor.

Anil, do persa *nīl*, pelo árabe *an-nīl*, significando azul-escuro, é uma das cores do espectro solar e também a substância azulada, usada como corante, que se obtém de algumas plantas, também chamada índigo.

É amplamente conhecido que os árabes contribuíram muito para o desenvolvimento da **ciência** na península Ibérica, como e no resto da Europa. A esse campo é possível adicionar muitas palavras que não se usam só na língua portuguesa, mas também tornaram-se internacionalismos. Um internacionalismo ou palavra internacional é a palavra que ocorre em várias línguas com o mesmo significado e a etimologia similar. Estas palavras existem em várias línguas como resultado de empréstimos simultâneas ou sucessivas. Por exemplo: álgebra, zero, zénite, azimute, elixir, almanaque, álcool etc.

Álgebra, do árabe *al-jabr*, que significa redução, pelo latim medieval *algebra*-, é ramo da matemática, estudo das manipulações formais de equações, com o fim de resolver certos problemas ou as próprias equações. A mesma ou palavra muito semelhante usa-se em inglês (*algebra*), francês (*algèbre*), alemão (*Algebra*), espanhol (*álgebra*), italiano (*algebra*), neerlandês (*algebra*), russo, croata e outras línguas eslavas (*algebra*) etc.

Zero, do árabe *sifr*, significando vazio, pelo latim *zephīru*-, pelo italiano *zero*, ou pelo francês *zéro*, tem vários significados: o número 0 e a quantidade representada por esse número; nada, coisa nenhuma; ponto de origem numa escala etc. Hoje essa palavra encontra-se e em inglês como *zero*, francês *zéro*, espanhol *ceró*, italiano *zero* etc.

Zénite, do árabe *samt*, significando caminho, rumo ou direção da cabeça, é uma palavra usada principalmente na astronomia e significa ponto da esfera celeste que, relativamente a cada lugar da Terra, é encontrado pela vertical levantada desse lugar. Também, figurativamente pode significar ponto mais elevado, auge, fastígio, apogeu ou ápice. Em inglês diz-se *zenith*, em francês *zénith*, palavra alemã é *Zenit*, espanhola *cenit*, italiana *zenit*, holandeses chamam-lhe *zenit*, russos, croatas e outros eslavos *zenit* etc.

Azimute, do árabe *as-sumút*, plural de *samt*, que significa caminho direito, pelo francês *azimut*, na astronomia significa distância angular medida horizontalmente a partir do ponto cardinal sul, para oeste, ao longo do horizonte, até ao círculo vertical de um astro, de 0° a 360°. Em inglês é *azimuth*, em alemão *Azimut*, em espanhol *acimut*, em italiano, francês e neerlandês *azimut*, em russo, croata e na maioria línguas eslavas *azimut* etc.

Elixir, do árabe *al-iksir*, significando a pedra filosofal dos antigos, pelo francês *élixir*, na farmácia é um preparado composto de várias substâncias dissolvidas em álcool. Existiam e dois outros significados na história, acreditava-se que o elixir poderia transformar cada metal em ouro e que é uma poção milagrosa que prolonga a vida. Nestes sentidos foi mencionado nas muitas lendas, histórias e também romances contemporâneos como no primeiro romance da série sobre o Harry Potter. É evidente de novo que as palavras semelhantes existem e nas outras línguas: *élixir* em francês, *Elixier* em alemão, *elixir* em espanhol, *elisir* em italiano, *elixir* em neerlandês, *élikir* em russo, *eliksir* nas línguas eslavas do sul, etc. Em inglês existe a palavra *elixir*, mas só no sentido elixir da juventude ou elixir da longa vida, e na farmácia usam a palavra *mouthwash*.

Almanaque, do árabe *al-manākh*, com significado calendário, é uma publicação anual com calendário, informações científicas, tabelas, registo de aniversários e textos humorísticos ou recreativos, ou uma publicação atualizada anualmente com informação sobre uma determinada área de atividade. Os ingleses chamam-lhe *almanac*, franceses *almanach*, alemães *Almanach*, espanhóis *almanaque*, italianos *almanacco*, mas também *lunario*, holandeses *almanak*, russos *al'manah*, croatas, sérvios e outros eslavos do sul *almanah* etc.

Álcool, do árabe vulgar *al-kuhūl*, por *al-kuhl*, significando colírio de pó de antimónio, é uma palavra com muitos significados relacionados, por exemplo é um líquido incolor volátil e inflamável, e obtido através da destilação de substâncias açucaradas ou farináceas, utilizado na composição de muitas bebidas como o vinho, a cerveja e a aguardente, é também cada bebida que contém esse líquido e líquido que contém grande percentagem de álcool etílico e que é usado como anticético. Existe em muitos idiomas, como inglês (*alcohol*), francês (*alcool*) alemão (*Alkohol*), espanhol (*alcohol*), italiano (*alcool*), neerlandês (*alcohol*), em russo (*alkogol'*), na maioria das línguas eslavas do Sul (*alkohol*) etc.

Claro, existem e outras palavras na língua portuguesa com a origem árabe relacionadas com a ciência que são específicas e usam-se só na península Ibérica ou só em Portugal.

Por exemplo algarismo, do árabe *al-Khuárizm* (antropónimo), é cada um dos sinais gráficos com que se representam os números.

Xarope, do árabe *xarāb*, que significa bebida, na farmácia é solução muito concentrada de açúcar com substâncias aromáticas ou medicamentosas, mas também pode significar solução muito concentrada de açúcar misturado com sumo de fruta.

Os árabes ajudaram o desenvolvimento do **comércio** na península Ibérica, o seu dinheiro foi utilizado por muito tempo e deixaram muitas palavras relacionadas com esta área, como armazém, fardo, almoeda, maravedi, ceitil, mitical, quilate, almude, arroba, arrátel, fanga, resma etc.

Armazém, do árabe *al-makhazan*, significando botica ou celeiro, tem vários significados em português hoje. É um edifício de grandes dimensões onde se arrecadam mercadorias, estabelecimento de vendas por grosso, também é o depósito de munições e víveres para o exército etc.

Fardo, do árabe *fard*, significando pano, é um objeto ou conjunto de objetos embrulhados para transportar ou simplesmente embrulho ou pacote.

Almoeda, do árabe *al-munādā*, significando leilão, é venda em hasta pública, uma leilão ou a exposição pública.

Maravedi, do árabe *murabiti*, é a antiga moeda portuguesa e espanhola com o valor de 27 réis.

Ceutil, do árabe *sebti*, que significa de Ceuta, é a moeda portuguesa que valia um sexto do real mas figurativamente pode significar insignificância.

Mitical ou metical, do árabe *mithqāl*, é antigo peso de ouro de Ormuz, uma antiga cidade na ilha e estreito do mesmo nome, à entrada do Golfo Pérsico. Também é nome para a antiga moeda africana, mas a unidade monetária de Moçambique hoje.

Numerosos nomes para as unidades de medida têm a origem árabe.

Quilate é a quantidade de ouro puro numa liga metálica, que corresponde a 1/24 avos da massa dessa liga e a unidade de peso equivalente a 200 miligramas, especialmente empregada para as pedras preciosas. Originou do grego *kerátion*, pelo árabe *qirat*, unidade de peso.

Almude, do árabe *al-mudd*, significando medida de grãos, é a antiga unidade de medida de capacidade equivalente a 12 canadas ou 48 quartilhos. Também é medida de 25 litros, no sistema métrico decimal e a medida que atualmente varia de 16,5 a 40 litros, conforme as regiões do país.

Arroba, o árabe *ar-ruba'a*, que significa um quarto, é a antiga unidade de medida de peso, de 32 arráteis ou um quarto de quintal, arredondada atualmente para 15 quilogramas. É interessante que hoje na informática a arroba é o nome dado ao sinal gráfico @, usado nos endereços de correio eletrônico para separar o nome do utilizador do endereço propriamente dito.

Arrátel, do árabe *ar-ratl*, é a antiga unidade de medida de peso correspondente a 459 gramas.

Fanga, o árabe *faniqâ*, é a antiga medida de cereais equivalente a quatro alqueires; é um antiquado lugar onde se vendiam cereais por estiva; hoje é o regionalismo no Ribatejo por arrendamento, por medidas; e é uma porção de terra arável que leva quatro alqueires de semente.

Resma, do árabe *razmâ*, é conjunto de vinte mãos de papel ou de quinhentas folhas, mas também pode significar e conjunto de quaisquer objetos amontoados.

Muitos termos relacionados com a **água** e o seu aproveitamento são de origem árabe porque essas invenções foram a sua obra, como nora, azenha, algeroz, alcatruz, chafariz, alverca, albufeira etc.

Nora, do árabe *anora*, por *anna'urâ*, é um engenho de tirar água de poços, cisternas, etc., constituída essencialmente por uma roda que faz movimentar uma corda ou cadeia metálica à qual estão presos alcatruzes, também chamada estanca-rios. Almácega, o tanque que recebe a água da nora, também se considera a palavra de origem árabe.

Azenha, do árabe *as-sániâ*, que significa nora ou roda de irrigação, é o moinho de rodízio movido a água.

Algeroz, do árabe *az-zurúb*, significando cano de água, é o cano que leva a água da nora ao tanque, mas também é o pequeno canal colocado no extremo inferior das coberturas e destinado a escoar as águas que ali caem.

Alcatruz, do árabe *al-qādūs*, significando balde de nora, é cada um dos vasos que elevam a água na nora. Hoje existe e como o regionalismo e significa vaso de barro utilizado para capturar polvo na zona do Algarve.

Chafariz é um fontanário, por vezes com características ornamentais, com uma ou mais bicas para abastecimento público de água. Originou do árabe vulgar *çahrij*, por *çihrij*, que significa cisterna ou bebedouro.

Alverca, do árabe *al-birkâ*, que significa lago ou tanque, é um tanque pequeno onde cai a água da nora que a caleira não comporta. Hoje usa-se e para descrever o terreno pantanoso e pode significar o viveiro de peixes.

Albufeira, do árabe *al-buháira*, significando lago ou lagoa, é a palavra que na língua portuguesa contemporânea tem três significados. O primeiro é a lagoa formada pelo mar e suas marés, mas também pode significar a represa artificial de águas pluviais, dos rios ou do degelo e a água que escorre das azeitonas quando estão amontoadas.

Situação hoje

Cerca de 50 mil pessoas que hoje vivem em Portugal declaram-se como muçulmanos e a maior parte não fazem os descendentes de árabes, mas originários de Moçambique e da Guiné-Bissau, quem tem dinamizado a religião em Portugal. Acredita-se que um grande número de árabes fugiram para o Brasil depois do Descobrimento das Américas.

A herança árabe hoje é muitas vezes ignorada. Muitos traços árabes durante a história foram escondidos ou transformados e agora são irreconhecíveis. Por isso, há muitas escavações em busca do legado islâmico que é considerado muito maior do que é conhecido.

Conclusão

A chegada dos árabes na península Ibérica e os séculos que permaneceram lá tinham uma influência forte sobre o povo português, sua cultura e língua. Talvez a sua chegada não mudou o curso da história e não foi causa das guerras grandes, mas deixaram uma marca indelével nesse território. Segundo Saraiva (1993, 33), a invasão muçulmana temporariamente desorganizou o quadro que ia reconstituir-se com algumas modificações.

Foi um encontro de duas religiões, uma tentativa de tolerância religiosa e coexistência dos cristãos e muçulmanos, e no fim uma guerra em que cristãos aprenderam de novo apreciar a sua fé. Também, esta análise mostra que os muçulmanos maioritariamente não impunham forçosamente sua religião e não perseguiram os cristãos, e que depois da Reconquista cristãos foram os tiranos que expulsaram outras religiões das cidades tornando-as desiguais.

Em muitos segmentos das artes e artesanatos apenas a influência árabe faz Portugal original e diferente do resto da Europa. Logicamente, uma vez que a Península é uma das raras partes do Velho Mundo que ocuparam. Em cada estilo que chegou dos outros países durante a ocupação encontra-se uma nota de originalidade adicionada pelos árabes, por exemplo novos instrumentos na música, novos motivos na arte e novas técnicas na arquitetura.

O número exato das palavras árabes na língua portuguesa contemporânea é difícil determinar. Alguns acreditam que este número é cerca de 600, e alguns até dizem que existem 1000 palavras da origem árabe. Em qualquer caso, é um número pequeno se tomarmos em conta

quanto tempo passavam no território português e sabendo que o latim tinha uma influência muito mais forte e a importância fundamental no desenvolvimento da língua portuguesa.

Os árabes não desempenharam o papel mais importante na história portuguesa, mas não devem ser subestimados e ignorados. Muitas pessoas hoje não são conscientes da herança grande que deixaram, invenções que apresentaram e coisas que descobriram. Um grande capítulo da história portuguesa pertence à religião muçulmana e aos povos árabes, e sem esse capítulo Portugal não seria o que é hoje.

Bibliografia

1. Saraiva, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Sintra: Publicações Europa-América, 1993.
2. Marques, António Henrique Rodrigo de Oliveira. *História de Portugal, vol I*. Lisboa: Palas Editores, 1974.
3. Castro, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
4. Berruto, Gaetano. *Semantika*. Prevela Iva Grgić. Zagreb: Izdanja Antibarbarus, 1994.
5. Machado, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Volumes I-V*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
6. *Dicionário da língua portuguesa*. Porto editora, 2002.
7. Mendes Paula, Frederico. *Influências da Língua Árabe no Português*. <https://historiasdeportugalemarrocos.wordpress.com/2014/02/04/influencias-da-lingua-arabe-no-portugues/> cons. 16/11/2015
8. Nimer, Miguel; Calil, Carlos Augusto. *Influências orientais na língua portuguesa T. I Os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos: etimologia; aplicações analíticas P. 1*. <https://books.google.hr/books?id=v2rn6WbDeZoC&pg=PA47&lpg=PA47&dq=cons+oante+solar&source=bl&ots=SoSHDQQc5g&sig=HFwDvoIsuCGC6L6gnMw6Pcpq>

[5J4&hl=hr&sa=X&ved=0CDEQ6AEwAmoVChMI7dOj4-yVyQIVhVQUCh0wBg6U#v=onepage&q=consoante%20solar&f=false](http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_antiga/invencao_papel.html) cons.
16/11/2015

9. Freitas, Octávio Eduardo Mourão. *A Invenção do Papel*.
http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_antiga/invencao_papel.html cons.
25/11/2015
10. Badawi, Abduraham. *A Escola de Toledo*. // O Correio da UNESCO, Ano 20, Nº. 2
Brasil, Fevereiro 1992. <http://estrolabio.blogs.sapo.pt/1064535.html> cons. 3/12/2015
11. Castro, Carlos Vieira. *O fado, uma parte do vasto e rico património etno-musical português*.
<http://www.acomuna.net/index.php/contracorrente/3691-o-fado-uma-parte-do-vasto-e-rico-patrimonio-etno-musical-portugues> cons. 3/12/2015
12. Albert, Zácia. *A forte presença árabe no alentejo*.
<http://www.degustadoresemfronteiras.com.br/dsf/cursos-e-palestras/artigos/a-forte-presenca-arabe-no-alentejo/> cons. 22/12/2015
13. Cintra, Lindley Luís P. *Áreas lexicais no território português*. http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/areas_lexicais.pdf cons. 21/1/2016